

► ANDRÉ FELIX

1º DE ABRIL



CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Descaso com os artistas capixabas

O descaso dos capixabas para com os artistas é uma realidade mais do que sabida, e hoje vamos registrar dois exemplos clássicos desse imperdoável procedimento. Esperamos que os distintos leitores leiam e analisem até onde vai esse lamentável descabro.

Não existem dúvidas de que o pintor Homero Massena foi o nome mais expressivo da pintura do Espírito Santo no século passado. Seus quadros, alguns focalizando o incrível jogo de luzes e cores nas matas do Convento da Penha, estão espalhados por este Brasil afora, divulgando um dos locais mais belos (e sagrados) do solo capixaba. Além disso, deve-se ao saudoso Massena a criação da Escola de Belas artes do Espírito Santo no início dos anos 50, que tempos depois seria o principal pilar para implantação da Ufes.

Pois bem, em 1951, Massena trouxe para terras capixabas o escultor Crepaz, então reconhecido como um dos maiores expoentes das artes plásticas nacionais.

Em 1972, depois de executar diversos trabalhos no Estado, Crepaz transferiu-se para a Europa e, em agradecimento ao velho amigo, esculpiu em gesso o seu busto, que deveria depois ser modulado em bronze.

O tempo passou, tanto Massena como Crepaz foram para o andar de cima, e esse busto, talvez um dos trabalhos mais perfeitos do saudoso escultor, ficou anos a fio esquecido na secretaria do Centro de Belas Artes da Ufes, esperando o bronze a que foi destinado.

Pois coube a esse mesmo Homero Massena, ainda na época da antiga Escola de Belas Artes, que funcionava em um sobrado do Palácio Anchieta, lançar em suas aulas os então denominados "modelos vivos", novidade absoluta na Vitória daqueles tempos.

Nessa escola estudou, e depois lecionou, a saudosa professora Zeni Alves, uma das mais diletas discípulas do mestre Massena, que de quando em quando nos levava até lá na tentativa de nos influenciar para o campo das belas artes, coisa que nunca conseguiu

Foi por esse tempo que ficamos conhecendo um menino escurinho, risonho e magrela que posava nu para as poucas alunas que o retratavam. "Pedrinho" era o nome do modelo, que talvez tenha sido o primeiro a exercer este mister aqui na capital capixaba.

Esse menino progrediu no lidar com as tintas e mais tarde transformou-se no pintor que assinava seus quadros como Pedro Phylho. Anos depois, já como jornalista, estivemos juntos por diversas vezes e de certa feita o ex-modelo, que quando menino posava nu (nós rimos muito ao lembrarmos disso), enveredou pelas artes plásticas e chocou a cidade



com uma obra que marcou época: com arame farpado pintado de vermelho, criou um trabalho a que deu o título de "Araceli" protestando contra a violência urbana que havia vitimado a menina Araceli Cabrera Crespo, sequestrada, violentada e assassinada em Vitória em Maio de 1973.

Dez anos depois, Pedro Phylho foi vítima dessa mesma violência que tanto o preocupava. Ao voltar de um passeio de bicicleta pelo bairro onde morava, foi atingido por uma bala perdida. Tempos depois promoveram, em Vila Velha, um movimento denominado "Movimento Pedro Filho" que se destinava a divulgar e proteger cultura negra entre os capixabas.

Até ai tudo bem! Mas, além do nome do artista estar grifado errado (sem o PH) – temos certeza de que ele, esteja onde estiver, não deve ter gostado nada disso – fomos surpreendidos quando indagamos a algumas pessoas integradas ao movimento sobre quem era o homenageado. Simplesmente ninguém sabia!

É por ai que a banda toca aqui neste nosso sofrido Espírito Santo, abençoado pela Virgem Da Penha. Até quando?



EM ALTA FESTA DA PENHA

De ontem até o próximo domingo acontece o evento religioso mais famoso do Estado, a Festa da Penha, que remonta há séculos de história e fé do povo capixaba. Durante todos os dias, a expectativa é de que pelo menos um milhão de pessoas, de todo o Espírito Santo e de outros estados, participem, seja nas missas ou romarias. É um importante momento de congregação entre as pessoas e de manifestação de amor.



EM BAIXA BAIROS VIOLENTOS

Sete dos 10 bairros mais violentos da Grande Vitória estão no município da Serra, conforme mostra reportagem especial desta edição. É um sinal de alerta bem sério, que mostra a necessidade de o poder público, municipal e estadual, principalmente, investirem em medidas de combate à violência e também preventivas, por meio de valorização dos jovens e inserção de grupos normalmente excluídos socialmente.

Tribuna nas Ruas

Você já comprou alimento estragado?



**NÃO**

Sempre que vou as compras, procuro observar bem os alimentos que estou levando para casa e, agindo assim, evito de levar produtos estragados para casa. Isso nunca aconteceu comigo.

DELEON APARECIDO CRISPIN DA SILVA, 27 anos, vigilante, Chácara Parreiral, Serra



**SIM**

Pelo menos umas duas vezes. Na primeira, comprei leite e ao abrir, vi que estava ruim. Numa segunda, comprei um molho de tomate com atum que não estava bom e tive que jogar fora.

RUBENS VIEIRA RIOS, 22 anos, universitário, Itaparica, Vila Velha



**NÃO**

Não sei se tenho sorte, mas até o presente momento, não comprei nenhum alimentos que estivesse estragado. Sou cuidadoso ao comprar alimentos, mas sei que isso acontece com frequência.

JUNIOR TEIXEIRA, 29 anos, professor de educação física, Praia da Costa, Vila Velha



**SIM**

Comprei sim, porque os produtos já estavam fora da validade e eu não observei. Levei iogurtes e refrigerantes para casa e ao abrir vi que estavam impróprios ao consumo e joguei fora.

LILIANA NUNES, 19 anos, estudante, Araçás, Vila Velha



**NÃO**

Nunca tive o azar de comprar alimentos estragados. Mas, quando vou às compras nos supermercados, sempre perco um tempo observando a data de fabricação e a validade dos produtos.

PAULINA PEREIRA DE ALMEIDA, 65 anos, aposentada, Vila Nova, Vila Velha



**NÃO**

Que eu me lembre, até hoje nunca comprei um produto que ao chegar em casa, percebesse que ele estava estragado. Mas se tivesse encontrado, voltaria ao supermercado para devolver.

GLÁUCIA HELENA BARBOSA, 51 anos, dona de casa, Jardim Limoeiro, Serra